

Sonhos e Vincularidade: Uma Comunicação Preliminar¹

Dreams and Vincularity: A Preliminary Communication

Ariane de Freitas Severo²

Resumo: O dispositivo vincular é uma ferramenta de trabalho que aponta para a produção de outros sentidos, pela oportunidade do encontro com o outro da intersubjetividade. O sonho quando contado na sessão vincular perde seu caráter estritamente individual e ao ser enunciado e interpretado, produz efeitos no outro (s) e nos dá notícia do funcionamento da Estrutura Familiar Inconsciente e do processo do tratamento. Este artigo pretende auxiliar na reflexão sobre a pergunta: Como se escuta e interpreta um sonho contado na sessão vincular?

Summary: The vincular psychotherapy is a tool of work that points to the production of other meanings, for the chance of the meeting with the other of the inter subjectivity. The dream when counted in the vincular session loses its individual character and when declared and interpreted, produces effect in the other (s) and it gives notice of the functioning of the Unconscious Familiar Structure and the process of the treatment. This article intends to help in the reflection the question: How if we listening and interpret a counted dream in the vincular session?

Descritores: Intersubjetividade; organização fantasmática compartilhada; trama fantasmática; Estrutura Familiar Inconsciente e Escuta Polifônica.

Keywords: Inter subjectivity, shared fantasmatic organization; interfantasmatic tram; Unconscious Familiar Structure and Polyphonic Listening.

¹ Dedico este artigo aos meus alunos e agradeço as colegas Mara Luisa da Silva e Patrícia Becker, que se dedicaram e produziram comigo um texto inicial que possibilitou esta publicação. Foram horas de discussão e produção no final de 2002 e maio a julho de 2004.

² Psicanalista pelo CEP de POA, Especialista em Psicanálise de Casal e Família pelo Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade onde atua como professora e supervisora. Professora da FAPA, Faculdades Porto Alegrensens.

A idéia deste artigo vem de longe, desde o primeiro contato com o tema em 1998. Garimpei material que estava pincelado aqui e ali e juntei num único texto. Em Isidoro Berenstein³(1987,1988,1991,1997,2000), Janine Puget (1987,2000,2003), Didier Anzieu (1987), Missenard (1987), Maria Cristina Rojas (1991), e outros, encontramos respaldo para pensar esta questão técnica. O primeiro esboço surgiu como resultado de um grupo de estudos que coordenei em 2002 no Contemporâneo, chamado: *Escuta e Interpretação no Enquadre Vincular*. O grupo era composto por alunos recém formados na especialização de Psicanálise das Configurações Vinculares que desejavam reler e aprofundar artigos técnicos com um propósito de escrita. Sugerí este tema por ser de interesse comum e pelo fato de não existir um texto satisfatório para utilizar com os alunos da especialização. Na época não se dispunha de um espaço privilegiado como o que a Revista Contemporânea oportuniza. Talvez em decorrência disso não avançamos na tarefa. Por anos este texto ficou a espera de um lugar e de mais material clínico. Esteve sempre presente em meu desejo e se fazendo necessário cada vez que me deparava com um novo grupo. Compartilharei com o leitor um pensamento que venho amadurecendo ao longo dos últimos anos e alguns fragmentos clínicos que permitam tornar mais visível o trabalho dos sonhos.

Sonhos: Produção Individual ou Vincular?

Na medida em que a alteração do enquadre individual para o multipessoal propõe a análise da subjetividade que se produz na inter-relação, que lugar o analista destinará aos sonhos que aparecem na análise familiar? Perceberá este, os sonhos como produção individual, produto isolado de uma mente que anseia por desejos irrealizáveis? Ou, por outro lado, compreenderá os sonhos como produto das associações livres, produzidas na sessão, que denunciam o funcionamento inconsciente do grupo familiar?

Desde Freud os sonhos trazidos às sessões, por nossos pacientes têm se constituído em importante material para análise, sendo considerados pelo autor como *via régia para o inconsciente*. Freud (1900), diz:

*O sonho reúne numerosa série de idéias, um verdadeiro foco de convergências (...) Acharo-nos em meio de uma fábrica de pensamentos em que como uma oficina de tecelagem e segundo os famosos versos, “se entrecruzam mil e mil fios - vão e vêm as lançadeiras, - brotam invisivelmente os fios – e um único movimento estabelece mil uniões”.*⁴

³ Berenstein, I. (1988). *Família e Doença Mental*, p.64 - (1991) *Psicoanalisar una Família*, p.40,42 e 77. *Lo Vincular* p. 60 – (1988) *Família e Inconsciente*, p. 248.

⁴ Freud, S. *Obras Completas*, Tomo II Vol. III, p.7. Referindo-se ao *sonho da monografia botânica* e os pontos convergentes onde se reúnem várias idéias que acabam conferindo à interpretação uma multiplicidade de significação.

Encontramos no sonho duas tendências: uma voltada para o presente e ligada a acontecimentos recentes vivenciados no estado de vigília, denominados por Freud de *restos diurnos*, e outra, vinda do passado, que contém fragmentos de antigas percepções às quais não temos acesso conscientemente por causarem demasiado sofrimento ao ego. O trabalho do sonho tem a função de converter impulsos e lembranças inaceitáveis numa história inofensiva capaz de burlar a censura. No momento que se produz um sonho uma série de elementos heterogêneos é desencadeada no psiquismo e para que não despertemos esses elementos têm que se transformar por meio de um movimento que chamamos de convergência, pois tudo converge, em imagens que possam nos permitir continuar dormindo. Interpretar um sonho será decodificá-lo, através da *associação livre*, tomando separadamente cada elemento do sonho. O sonho é enigmático, seu sentido nos escapa. Devemos decifrá-lo através da interpretação simbólica que, para além da diversidade das culturas e linguagens, dispõe de uma língua fundamental. Tem seu acesso mais fácil através dos *restos diurnos* que são nosso ponto de contato com os acontecimentos do dia anterior.

Freud (1900) ensina que os *restos diurnos* funcionam como verdadeiros estímulos. Não existe, ao meu ver, estímulo onírico algum indiferente, assim como não existem sonhos inocentes. O sonho nunca se ocupa de algo insignificante. Nem consentiríamos que nosso sono fosse alterado por algo que não valesse a pena. O sonho nunca corresponde a lembranças e sim a fantasias. A lembrança pode ser encobridora. Durante o sonho estamos mais responsivos aos estímulos internos, às nossas moções pulsionais, pelo desligamento da percepção externa.

O sonho se produz por ação de dois mecanismos, o *deslocamento* e a *condensação*. O *deslocamento* (metonímia) consiste em transferir a energia representacional, ou interesse, para outra representação no sentido de substituição sem anular o que é deslocado mas integrando-o na cadeia associativa. O segundo mecanismo é o da *condensação*, (metáfora) que concentra vários *deslocamentos*, várias cadeias associativas. O sonho forma-se ao adormecer, aproveitando-se do rebaixamento da censura para elaborar uma formação de compromisso entre desejos infantis insatisfeitos e desprazerosos para o ego, e os *restos diurnos*. Tem a função elaborativa com vistas a reconstruir a organização narcísica do sonhador e estabelece comunicação com diversas partes do aparelho psíquico. O sonho também nos dá notícia do contexto no qual ele brotou, para quem o sonho é sonhado e a qual interlocutor se dirige, referindo-se à transferência e à relação intersubjetiva. André Missenard (1987)⁵ propõe:

O sonho introduz uma figuração dos diversos elementos do conflito do paciente, desejos, proibições, fantasmas, que se atualizam frente à tarefa por cumprir e que bloqueiam sua capacidade de pensar e criar. O sonho é uma encenificação de diferentes planos do espaço psíquico e também uma elaboração secundária que desemboca em um relato, desde a qual se produzirá uma elaboração que podemos chamar de terciária as

⁵ Missenard, (1987). La envoltura del sueño y el fantasma de “psique común”, p 72. Anzieu. et al- *Las envolturas psíquicas*.

associações, que o sonhador haverá de perseguir dentro do enquadre e sua relação transferencial.

Afirma ainda o autor que o trabalho dos analistas com grupos tem registrado formações psíquicas inconscientes coletivas, cujo trabalho se sustenta em movimentos transferenciais-contratransferenciais e intertransferenciais percebidos pelo analista. Pontalis (1972) e posteriormente J.Villier (1982) escreveram sobre os sonhos dirigidos aos membros do grupo ou ao analista e que se referem a processos e a dinâmica do grupo. Existem intercâmbios inconscientes entre os membros de um grupo. O sonho oferece a possibilidade de ponte entre zonas internas anteriores a linguagem sobre as quais nenhuma *mirada* direta é possível, como também de zonas do psiquismo compartilhado usando o termo *organização fantasmática compartilhada*, que funciona como uma psique inconsciente comum a todos como um tecido psíquico familiar armado com a *trama fantasmática familiar*⁶, com a marca dos vínculos, dos acontecimentos, dos fantasmas parentais.

Entre nós, Zimerman (2000) aponta que:

Freud sempre acreditou na influência do grupo familiar e da cultura social na determinação da estruturação psíquica do indivíduo, e isso pode ser facilmente comprovado em inúmeras descrições pormenorizadas que estão contidas no relato de determinados sonhos, ou na maioria dos seus históricos clínicos. Assim unicamente para exemplificar, vale mencionar o importante sonho do próprio Freud que passou para a história da psicanálise com o conhecido nome de Sonho da injeção em Irma, cujo conteúdo consiste no agrupamento de uma série de personagens, entre parentes, pacientes e colegas de Freud, numa permanente interação, e cujas associações revelam a complexidade do grupo interno que habita todo e qualquer indivíduo. Da mesma forma, cabe fazer menção a pelo menos dois famosos e belos trabalhos clínicos de Freud, conhecidos popularmente como, respectivamente, O caso do menino João e o Caso Dora, os quais, se lidos com a atenção voltada para a dinâmica do grupo familiar, permitem um instigante e apaixonante estudo dos vínculos existentes no campo da dinâmica de grupo.

Neste mesmo livro onde trata da visão histórico evolutiva das Grupos terapias menciona Bion (1943,1951,1952) e sua contribuição com os Pré-Supostos Básicos que funcionam nos moldes do processo primário do pensamento, ignorando a noção de temporalidade, relação causa-efeito e conservam as mesmas características que as reações defensivas mobilizadas pelo Ego primitivo contra as ansiedades psicóticas. Menciona a escola francesa especialmente na década de 60 com os trabalhos de Didier Anzieu (1978) e René Kaes (1992) e destaca o conceito de aparelho psíquico grupal e o grupo como um conjunto intersubjetivo, um conjunto organizado em que o sujeito toma um lugar e em alguma medida esse lugar vai determinar a sua representação psíquica do grupo.

⁶ Gomel, Silvia (abril 1976) afirma que trama fantasmática é uma rede tramada na interdiscursividade, uma combinatória anônima onde se enlaçam o singular e o transgeracional.

Nos Manuscritos L y M, Freud afirma que as fantasias combinam o vivenciado com o ouvido, o passado da história dos pais e antecessores com o presenciado pelo próprio sujeito. Desse modo, o ouvido, para cada indivíduo resulta numa combinação entre o ouvido e o visto/vivenciado por outras gerações que, transmitido transgeracionalmente, se convertem em trama fantasmática familiar. As diferentes articulações das cenas vão se ligando e formando um tecido, como uma produção conjunta, na qual as cenas vivenciadas por alguns são portadas por outro, e por outro, e outros membros. O texto é constituído em conjunto, mas com a possibilidade de as pessoas ocuparem o lugar de vários personagens. Essa trama contém as cenas ancestrais e indica o que é esperado da pessoa dentro da estrutura vincular.⁷ Gomel, (1996) propõe:

...trama identificatória familiar é pensada como uma das redes de significação que vinculam os membros da família, tecido de identificações imaginárias e simbólicas que se entrecruzam e superpõe entre as pessoas que compartilham de uma mesma estrutura de parentesco.

Alguns autores importantes, dentro da psicanálise, vêm se empenhando em dar maior ênfase aos sonhos em enquadres diversos do individual. Em nosso meio Zimmermann (1987), ao analisar os sonhos que aparecem numa sessão de grupo, destaca aspectos importantes que nos oferecem algumas pistas da possível escuta destinada a estes numa sessão vincular. O autor sugere, que os sonhos trazidos para o enquadre multipessoal, apareceriam menos distorcidos do que numa análise individual, assemelhando-se mais aos sonhos das crianças, demonstrando maior proximidade entre conteúdos manifestos e latentes. Isto aconteceria porque o ego do sonhador, numa sessão grupal, estaria sob menor pressão, uma vez que, a transferência com o analista, ficaria dissolvida entre os demais integrantes do grupo, provocando menor ansiedade do que numa análise individual. A maior clareza dos sonhos se daria em função do sonho tratar tanto da pessoa como dos outros participantes, sendo produzido, pelo sonhador, a partir dos estímulos inconscientes dos integrantes, em decorrência do material trabalhado nas sessões. O sonhador, por sua vez, seria aquele ou aqueles participantes que experimentaríamos conflitos e situações de tratamento com maior intensidade (provavelmente por estarem relacionados a vivências particulares) utilizando-se dos sonhos para expressar desejos reprimidos.

Outro aspecto importante observado por este autor é que, o sonho trazido por um dos integrantes do grupo, produz movimentos emocionais no grupo inteiro, uma vez que, ao ouvir o relato deste, cada pessoa atentaria para o conteúdo manifesto, produzindo associações livres, tomando posse, de certa forma, do sonho relatado. Essas associações seriam oriundas de uma identificação de cada um dos participantes do grupo com os conflitos e símbolos expressos no sonho. Analisado sob esta perspectiva, o sonho, neste momento, deixaria de ser um produto aparentemente individual da pessoa que o sonhou,

⁷ Esta questão trabalhei, anteriormente, num artigo chamado: Sobre o Sujeito na Herança Transgeracional. Identificação: A Via Régia da Transmissão Psíquica. In: *Transmissão Transgeracional e a Clínica Vincular* (2006).

para configurar-se numa fantasia inconsciente dos demais, que passam a associar, objetivando o esclarecimento do mesmo.

A análise dos sonhos no enquadre vincular, permite verificar a estruturação e modo de funcionamento do grupo como uma entidade ou unidade dinâmica. Fornecendo um corte transversal da evolução do grupo inteiro, sendo possível avaliar a evolução do trabalho, os movimentos regressivos e progressivos que estejam ocorrendo, as defesas e ansiedades que surgem em seu meio.

Em seu livro: *Lo Vincular* (1987), Berenstein e Puget questionam-se acerca da autoria do sonho compreendendo que, no momento em que os demais participantes da família produzem associações incluindo-se ou excluindo-se, este passa a ser uma produção coletiva, sendo que o sonhador emprestaria sua mente para o grupo familiar naquele momento, ainda que sob o risco de ter sua individualidade exposta e invadida. Acontece com uma certa frequência, especialmente em casais, que distintos sujeitos relatem sonhos produzidos na mesma noite. Os casais compartilham restos diurnos e símbolos de eleição. Portanto, podemos tomá-los como um conjunto de singularidades. O conjunto das impressões cotidianas pode alcançar não só o desejo de um, mas uma trama de desejos e produzir sonhos.

Tal como na análise individual, os sonhos que aparecem numa sessão familiar nos dão notícia do funcionamento da *Estrutura Familiar Inconsciente*. A questão fundamental ao se analisar um sonho trazido por um dos integrantes do grupo familiar é o modo pelo qual se dará a escuta do analista acerca deste fenômeno. De maneira diversa do que acontece no enquadre individual, a cadeia associativa que se produz, a partir do relato de cada um dos integrantes da família, é entendida e analisada como relato familiar, ou como uma produção conjunta.

Sonhos: Emoções Compartilhadas – Uma Obra Conjunta

O grupo familiar⁸ está imerso em uma rede de linguagem, da cultura, dos antepassados e as significações conscientes e inconscientes que os integrantes compartilham e que contribuem para a constituição do sujeito. Rojas (1991), bebendo da mesma fonte⁹, diz: “Dada essa participação constante em um mesmo circuito de intercâmbio verbal e à eficácia da palavra, para a constituição do psiquismo, podemos postular que as formulações inconscientes, lapsos, recordações, fantasias, possuem uma *zona de significação compartilhada*.¹⁰ Essas formações e essa zona tendem a emergir no momento clínico, na presença do analista, pela situação do enquadre e o processo em si.

⁸ Família são vários eus percebidos como pessoas com estruturas psíquicas diferentes, incluídas numa rede vincular. Entre os eus há vínculo. Há conexão do mundo interno com o mundo vincular e uma conexão com o mundo sócio-cultural.

⁹ Refiro-me à todas as publicações de Berenstein e Puget até o início da década de 1990.

¹⁰ Rojas, Maria Cristina (1991). Fundamentos da Clínica Familiar Psicoanalítica. In: *Família e Inconsciente*. P.153

Para esta autora: “O sonho individual encontra sua significação na combinatória significantes do discurso familiar”.¹¹

Na nossa prática clínica sempre nos perguntamos: Qual o lugar dos sonhos no relato familiar e como interpretá-lo?

O sonho quando contado na sessão é escutado em sua articulação com as associações e produções dos outros sujeitos. Os sentidos se geram na cadeia na qual vão se articulando os significantes de cada membro da família. Ocorre como que um encadeamento inconsciente quando o sonhador fala e através das associações conjuntas se torna possível o deciframento do sonho que é um tipo de produção da *Estrutura Familiar Inconsciente*¹² e que eles próprios não reconhecem. A família não sabe que quando fala em sessão, e aqui incluo os silêncios e outras formas de linguagem como os desenhos ou brinquedo se tratando de família com crianças, está mostrando uma modalidade de funcionamento vincular, mediante um processo identificatório que se expressa na transferência .

Se todo acesso à ordem inconsciente se dá via *relato conjunto*¹³, o sonho *individual* quando contado na sessão passa a ser um sonho que fala de todos, sonhado por todos, de certa forma. Porque já não se pode mais escutá-lo como produção individual, ele passa a fazer parte do *relato conjunto*. A escuta do *relato conjunto* - discurso dos diferentes sujeitos - é feita em termos de um *discurso único*. O conjunto discursivo é a configuração espaço-temporal de sentido.

O analista se descentra da cadeia de significante intrapsíquica para dirigir-se às conexões significantes entre os sujeitos. No discurso familiar os sentidos se geram na cadeia na qual se articulam os significantes de cada membro do grupo denotando um tipo de produção da *Estrutura Familiar Inconsciente*.¹⁴ Como se caísse uma rede sobre o sujeito e essa rede passasse a ter um papel fundamental na formação e produção do material clínico. A *interfantasmática* é uma comunicação inconsciente entre os membros de um grupo familiar que se explica pela parte da psique primitiva que se conserva consagrada ao grupo. Neste sentido, os sonhos se originariam da combinatória entre aspectos individuais e grupais, aludindo aos pactos e acordos que estruturam a família e que, por sua qualidade inconsciente, revelam-se somente nos sonhos, lapsos, sintomas. Rojas (1991) sugere que, analisados sob este ângulo, os sonhos permitiriam ampliar os significados, aprofundando a dimensão inconsciente do vínculo familiar.

Maria Cristina Rojas (2000) em seu texto: *Itinerário de un vínculo: Transferencia y Transformación* refere-se ao enquadre vincular, às especificidades do dispositivo analítico

¹¹ idem p.158.

¹² *Estrutura Familiar Inconsciente* (E.F.I.) é a matriz simbólica que dá significado às relações familiares. O significado é estruturado e abarca, em um conjunto articulado, tanto os vínculos de parentesco como os lugares, cada um dos quais tem suas denominações específicas. E nela cada sujeito, por sua vez é significado e nomeado. A E.F.I sustenta essas identificações e lugares e os eus dentro desses lugares. É o espaço virtual, imutável e inerente à condição do inconsciente.

¹³ Conceito apresentado por Maria Cristina Rojas (1991).

¹⁴ Toda *Estrutura Familiar Inconsciente* tem normas, pactos, regras e teorias inconsciente que determinam a eleição de objeto amoroso assim como as sucessivas eleições dos nomes próprios e da configuração espaço-temporal, etc..

familiar onde a presença efetiva do outro na sessão conduz a produções diferenciadas a respeito de outros contextos clínicos. Diz Rojas:

O dispositivo analítico familiar pensa o transtorno e a formação de cada sujeito como produção vincular, (...) Com respeito ao que consideramos material clínico, este é sempre vincular, tanto o que se dá “entre eles” como o “entre eles/comigo”. Enquanto a intervenção do analista se efetua na interdiscursividade, o par que opera sobre ela cria condições para a mudança intrapsíquica.(...) A associação se apresenta na forma de encadeamentos significantes familiares e a escuta do discurso conjunto especifica a regra no contexto familiar¹⁵.

Berenstein (1987) em seu livro: *Psicoanalisar una Família*¹⁶ comenta que: “o sentido circula, atravessa o discurso individual, sem que os distintos eus sejam conscientes”. Para ele, o sonho, mesmo que individual, é composto de restos diurnos e que estes constituem um fragmento da estrutura de significantes compartilhada.

O sonho como imagem é individual, mas quando posto em palavras e contado na sessão de forma espontânea, passa a fazer parte de uma produção coletiva de acordo com as normas e estrutura de linguagem partilhada pelo grupo familiar. O sonho indica mais que uma experiência interna, quando trazido para a sessão por um dos participantes é considerado como produção individual, como produção originada de conteúdos e pulsões infantis. O que ocorre, afirma Berenstein é que além dos conteúdos latentes intrapsíquicos, o sonho se compõe de restos diurnos compartilhados pelos demais membros da família, assim como conteúdos que fazem parte da pré-história familiar.

Em Berenstein a análise do sonho, na sessão de psicanálise vincular, através das associações que forem sendo realizadas, pelos diversos elementos do grupo, vai se transformando, aos poucos, em uma produção vincular. Em seu artigo Berenstein cita Anzieu: “o sonhador fala para aqueles que podem escutá-lo”, os desejos são compartilhados e complementários, onde o desejo de um gera efeito sobre o desejo de outro. O que não significa que tenha um mesmo sentido para todos, de forma igual. Cada sujeito articula de uma forma singular, como um ir e vir constante entre formulação própria e formulação conjunta. Mas certamente há um organizador que dará sentido. Estamos falando do vínculo intersubjetivo, um mundo que se constrói, inevitavelmente, com a presença de um outro, ou de vários outros. E todo material clínico que surja tem a ver com esse outro e, em resposta a um enquadre determinado. Complementa esta idéia de Anzieu, Missenard (1987): Quando propõe que é lançada uma mensagem destinada aos bons entendedores. Aqui me refiro ao cônjuge, tratando-se de casal, aos familiares, tratando-se de atendimento familiar, ou ao analista que precisa deste conhecimento teórico e técnico para compreender a mensagem do sonho no contexto da intersubjetividade.

Quando interpretamos casais ou famílias priorizamos o vínculo, nos descentramos do espaço intrapsíquico e nos dirigimos às conexões significantes entre os sujeitos. Na interpretação dos sonhos fazemos da mesma forma, nos dirigimos ao casal ou ao conjunto

¹⁵ In: *Clinica Familiar Psicoanalítica*, p.249.

¹⁶ Berenstein, I. (1987). Status de la Estructura Familiar Inconsciente. In: *Psicoanalisar una Família*, p.40

familiar. Podemos nos dirigir a um subgrupo mas, no sentido de revelar a matriz significativa que sustenta e dá sentido às relações interpessoais.

Por me identificar com o pensar destes vários autores entendo que o sonho indica mais que uma experiência interna . Ele é parte de um todo que é a família inserida numa cultura. A escuta do sonho não pode ser feita na sua singularidade, já que está sobredeterminada pelo contexto que favoreceu o seu surgimento. Estamos falando de uma *escuta polifônica*¹⁷ que amplia nossa forma de intervir na sessão vincular. Teríamos que dar conta daquilo que surgiu, na sessão, após o sonho ser contado e que vai além dos restos diurnos. Nossa tarefa é a de construir esta escuta polifônica onde a palavra de um soa ao lado da palavra de outro, coadunando-se de modo especial com a palavra do analista e com as demais vozes, e modificar a visão de uma escuta homofônica. O paciente vincular vai conhecendo pouco a pouco como foi sendo construída sua pertença ao vínculo familiar ou de casal e as distorções projetadas no outro, também a diferença entre o que é conversado no enquadre vincular e numa conversa comum entre eles, onde não se solicita e nem se espera ser interpretado, onde não existe a presença do analista.

Dentro desta perspectiva de construção do paciente casal ou família, já nas entrevistas preliminares, Berenstein e Puget (1997) citam um autor Ruffiot (1981) que interrogava como dormiam e como sonhavam nesta família. Cada membro era estimulado a contar um sonho, o último que recordava e com este recurso introduzia a entrada na comunicação sincrética familiar e por conseqüência a *trama interfantasmática* que estava apartada das conversas cotidianas.

A dimensão intersubjetiva abarca os processos psíquicos que aparecem, se desenvolvem, se expressam, se potencializam e desaparecem em função do contexto intersubjetivo. Spinacow (2005)¹⁸ fala dessa dimensão que considera o psiquismo um sistema aberto que constitui uma unidade de funcionamento com o “outro” ou os outros do contexto intersubjetivo. Afirmação já encontrada em Berenstein anteriormente. A dimensão da cultura é a transubjetiva que se centra nos códigos, nos valores, ideais e processos sócio-culturais, são as representações inconscientes da cultura.

Sonho de um casal

Um casal jovem buscou tratamento. Chegaram num momento de intensas brigas e dúvidas quanto à continuidade do casamento. Disseram que ainda havia amor, conviviam

¹⁷ Buscando compreender em profundidade este conceito, me foi sugerida a leitura de Mikahail Bakhtin (1997): *Problemas da Poética de Dostoiévski*. O autor afirma que a imagem do herói em Dostoiévski não é a imagem objetivada comum do herói no romance tradicional. Dostoiévski é o criador do romance polifônico. Um gênero essencialmente novo que marca o surgimento de um herói cuja voz se estrutura do mesmo modo como se estrutura a voz do próprio autor, (...) a voz do herói é sobre si mesmo e o mundo e é tão plena como a palavra comum do autor (...) ela possui independência (...) como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenas de outros heróis. A tarefa do autor é a de construir um mundo polifônico e destruir as formas já construídas do romance europeu, principalmente do romance monológico (homofônico), p.5

¹⁸ Spinacow, Miguel Alejo (2005) – *La intervención Vincular en el Tratamiento Psicoanalítico de Parejas*.

desde a adolescência e tinham um filho de 5 anos na época. Ele, que chamarei de Paulo, trabalhava com o pai dela, que chamarei de Neca. Residiam no prédio da família dela, no mesmo andar, inclusive, mantendo as portas dos apartamentos sempre abertas para que o filho/neto pudesse circular livremente de um lugar para outro. Os pais da Neca já estavam separados, o pai havia constituído outra família, com uma das muitas namoradas que teve e tinha um comércio na parte de baixo do prédio, onde trabalhavam Paulo e o cunhado. Todos acabavam almoçando juntos por ser mais cômodo, pelo fato da Neca trabalhar muito, e sua mãe cozinhar muito bem e estar acostumada com o gosto de todos, principalmente do ex-marido que “não gostava de comer fora”.

Este negócio do pai da Neca havia falido e faziam meses que Paulo não recebia salário. Pretendia procurar outro emprego mas não tomava iniciativa, sentia-se culpado em abandonar o sogro/pai nesse momento. Tinha desistido da faculdade depois de não poder se rematricular por falta de pagamento das mensalidades do semestre anterior. O sogro pagava um salário pequeno ao genro e se responsabilizava pela faculdade. O apartamento que moravam estava hipotecado e seu nome comprometido depois de emprestar cheques para o sogro/patrão. Nem mesmo a luz da residência era individualizada. Todos os sinais indicavam um funcionamento endogâmico: a forma como ocupavam o espaço habitacional, o tempo dedicado ao convívio familiar, a circulação dos bens e dinheiro, no mito familiar à fantasia de que as separações são trágicas. Histórias de traições e suicídios marcaram as famílias de ambos os lados. Traziam seu sofrimento juntamente com o desejo e impossibilidade de um corte com a família doadora. Apresentavam muita dificuldade de viver dentro de um contexto próprio do casal e aceitar as diferenças de cada um.

Algum tempo depois Paulo abandona o trabalho com o sogro e vai trabalhar de gerente num negócio com o tio da Neca e convida a sogra para trabalhar junto, já que perdeu sua função de cozinheira e precisa de um salário, já que, pelo fato de não terem feito a separação judicial, não recebe pensão do ex-marido. Neca fez um concurso e assumiu a maior parte das despesas fixas da casa. Paulo ainda encontra-se sem crédito pelas negociatas do sogro e está saldando muitas dívidas. Tentam uma organização financeira. Todas essas questões estão sendo trabalhadas. Começam a abrir um espaço para o casal e engravidam. À medida que a barriga vai crescendo, surgem preocupações com os sentimentos do filho único, frente à chegada da “rivalzinha”. Nas últimas sessões antes do sonho, falaram do filho, do quanto está difícil lidar com ele, houve queixas da escola e eles pensam num psicodiagnóstico. Sentem pena do sofrimento do filho pela chegada da irmã. Comentaram várias situações de ciúmes do filho em relação ao bebê e sua disputa com o pai pela paternidade, oscilando com momentos em que conversa e beija com a barriga da mãe. Algumas vezes dizia ser o pai do bebê, outras vezes empurrava o pai e não deixava que se aproximasse da mãe grávida. Brincava com seus bonecos como se cuidasse de um bebê. Pai e filho estão mais próximos, muitas cobranças estão sendo feitas por parte da família materna, diante de algumas reorganizações no modo do funcionamento familiar.

Numa determinada sessão, chegaram atrasados. Neca pediu para ir ao banheiro. A sessão iniciou silenciosa. Depois de um tempo, se olham, riram e se apresentou o seguinte material:

Paulo - Estamos bem né? A Neca é que andou muito nervosa. (ainda olhando para ela) Posso falar? Acho bom falar aqui. (Neca consente com o olhar) É que ela andou muito

nervosa. Sonhou que a mãe de um coleguinha do Vini lá da escolinha tinha morrido e ficou muito abalada.

Neca - Tu vai falar nisso de novo?

Paulo - Ué Neca, aqui não é o lugar?

Neca - (já chorando) É que eu já me derreto toda (pegando um lenço).

Paulo - Sonhou que morreu uma mãe bem jovem lá da escolinha. Uma que está com câncer. Acho que é isso né Neca?

Neca - Na festa do dia das mães ela estava com um lenço na cabeça. Saí dali com um aperto, uma bola no pescoço. Chegando em casa chorei muito e aí sonhei que ela tinha morrido.

Paulo - Ela me ligou chorando e eu me preocupei muito, chorou muito de noite também.

Neca - Eu nem conhecia direito a mulher. Só de vista.

Paulo -. Na reunião dos pais ela não estava, naquele dia não pode ir.

Silêncio

Analista - Vocês sabem o que mobiliza o sonho?

Neca - Sei lá...fiquei pensando no baixinho sem mãe (se emociona e tem dificuldade para falar) Senti uma coisa tão ruim. Uma angústia. Fiquei uns três dias assim.

Analista - Uma criança pequena ficou sem mãe.

Neca - (chora).

Analista - Uma mãe não pode morrer quando os filhos são pequenos.

Neca - Pensei que se me acontecesse alguma coisa eu queria ter tempo de pedir para o Paulo (muito emocionada) que não entregasse nossos filhos para alguém cuidar. Se não eles perderiam os dois juntos. (chora).

Paulo - Claro que eu assumiria. O pai dessa criança deve estar assumindo bem. Ele sempre está muito presente. Eu me sinto em condições. Mas isso não vai acontecer, eu me preocupo muito com a Neca, cuido muito dela. Eu penso: eu não posso perder essa mulher.(está muito emocionado também).

Neca - Estamos preparando o ninho. Sinto-me bem com o Paulo.

Silêncio

Analista - Que idade tinha a criança do sonho?

Neca - Uns quatro anos. (fiz essa pergunta lembrando da morte do pai de um sobrinho da Neca.)

Analista - Isso não remete vocês a nada?

Neca - Essa era a idade do Gus (recomeçou o choro). Eu não tinha pensado nisso.

Paulo - Foi horrível. Eu tive que explicar para o Gus.

Neca - Faz que sim com a cabeça.

Analista - Um menino ficou sem pai muito pequeno.

Paulo - Tu sabes que quando meu pai morreu, eu não senti tanto. Dos três irmãos acho que fui eu quem lidou melhor.

Neca - Tu tinhas sete anos né?

Paulo - Oito, já. Mas na adolescência foi muito difícil.

Silêncio.

Analista - Uma mãe morreu. Pensam em algo mais?

Neca - Pensei na minha mãe. Eu não sei por que. Ela está bem. (novamente sentia dificuldade para falar).

Paulo - Ela me pediu para dar uma folga para a mãe dela, para ela descansar. Aí eu dei. Disse para a sogra tirar um dia de folga e ela não entendeu. A velha é fogo. Está em pleno pique

Analista - Parece que quando um bebê nasce os velhos podem morrer. Uma geração sucede a outra.

Neca - Coisa séria, quanta coisa!

Analista - Muitos outros significados podem ter. Por exemplo: Vocês vão ser pais novamente, e isso talvez signifique maior separação dos pais. Para a gente se tornar pai tem que deixar de ser filho...com a chegada do bebê não poderão vir por um tempo no tratamento é um tipo de separação.

Paulo - Vou poder ajudar mais, na época do Vini eu viajava muito.

Sonhos: Pertença Grupal e Conflitos de inclusão-exclusão

Berenstein e Puget (1997) no seu livro: *Lo Vincular Clínica y Técnica Psicoanalítica*, falando a respeito do Material e os Espaços Psíquicos mencionaram:

Se em uma sessão de casal ou de família ou de grupo, algum dos integrantes conta um sonho, também está indicando que lhe ocorreu uma experiência interna e que por sua vez é um indicador de uma espacialidade dentro de si mesmo. Quando os outros integrantes, comentando o sonho, “se metem” ilusoriamente nele, o fazem utilizando uma modalidade que tem um componente transgressivo. A ansiedade de ficar fora do espaço psíquico do outro leva a apropriar-se de algo que supostamente não é próprio, com conseguinte violação de um espaço.¹⁹

Os autores, para exemplificar escrevem a cerca de um casal que estava elaborando a situação conflitiva em que a filha entrando no dormitório do casal, invadia um espaço privado deste casal. A esposa conta na sessão o sonho que teve na noite anterior: “Sonhei que metia a mão no bolsinho e retirava várias crianças bem pequenininhas e tu (gira a cabeça e se dirige para o marido) estavas entre elas. Eu as colocava no bolso e depois as tirava”. O marido respondeu irritado: ‘Assim tu me tinhas no teu bolso. Mas este não é o meu lugar.’ Berenstein e Puget (1997) comentam que em seu relato a sonhante não só fala dessa imagem onírica que representa o marido, mas o *inclui* como um outro real como uma defesa contra a ansiedade surgida pelo contato com essas crianças pequenininhas, bebês em seu interior/bolsinho, tratados com onipotência já que poderia tirá-los e colocá-los de volta. O marido se inclui no sonho e ilusoriamente na mente da esposa como se fosse um dos participantes. Trata-se de uma confusão entre pessoa e personagem, provavelmente devido a ansiedade derivada pelo fato de ficar excluído do mundo do outro, e que também correspondiam com fragmentos de sua história infantil. Esse marido parece ser intrusivo e,

¹⁹ p. 60.

ao mesmo tempo, manipulável pela esposa pela sua onipotência. A cena expressa um conflito vincular e uma confusão entre o singular do outro e o vincular.

Puget (2003) acrescentará ainda uma formulação sobre o sonho sonhado-falado por um dos membros do vínculo que introduz um espaço-tempo que difere daquele do discurso (não pertence ao mesmo registro do discurso) incitando uma participação importante destes membros e predispondo a emergência de conflitos segundo o eixo inclusão-exclusão. A dor da exclusão leva os membros do grupo a forçar sua inclusão naquilo que é posto em cena, pela impossibilidade de lidarem e aceitarem a alteridade.²⁰

Favier (2001) falou de algo parecido no seu artigo: *Acerca de Cratos: el poder y la violència en los vínculos*.²¹ O autor sustenta que um conteúdo consciente-inconsciente, compartilhado por ambos os membros do casal, não tramitado, está impregnado de *ansiedade de fusionalidade, perda da identidade e morte*. O não tramitado se expressa na exclusão do analista ou do outro cônjuge. Pode se referir à luta de imposição; domínio e, portanto, perda da capacidade de vincular-se.

O sonho, contado dentro da sessão vincular, imporia aos demais membros, conflitos da ordem da *pertença*²² e da *alteridade*. Pertencer a um grupo nos defende do sentimento de marginalização e exílio e nos coloca diante de ansiedades de fusão com o conjunto. O fato do sonho não se articular com o discurso gera uma sobreposição de registro que obriga a realização de um trabalho sobre a falta de coerência entre eles. A busca de coerência entre sonho e discurso teria a ver com a necessidade psíquica de continuidade e compreensões deterministas que estariam na origem de toda e qualquer produção inconsciente, quer individual, quer vincular. Favier (2001) lembra que nos grupos existe uma necessidade constante de procura de harmonia que seria encontrada no momento do encontro de conexões entre o material trazido pelos membros do grupo, criando um conjunto harmônico onde a diferença é percebida como desastre.

Pensando desde Freud que considera a inclusão de acontecimentos secundários no sonho um fenômeno de deformação onírica por deslocamento, como consequência da censura que vigia a comunicação entre duas instâncias psíquicas, considero que alguns sonhos contados por casais, em sessão, entram como encobridores no conteúdo da sessão ou como uma forma de excluir o outro. Nesse caso se interpreta a intenção do sonho funcionar como uma resistência vincular, resistência inerente ao vínculo. Esta angústia de vincularidade parece estar relacionada com as ansiedades de base: enclausuramento e inexistência. Não são resistências²³ a vincular-se, mas ao contrário, ativadas pelo atravessamento do vínculo, ou ainda, como negação da *alteridade*. Essas modalidades de ilusão de complementaridade absoluta tentam dar conta da diferença, da falta primordial do sujeito e do vínculo.

²⁰ Assim como alteração, deriva de alter: o outro entre dois. É que o outro em uma relação produz uma perturbação, um transtorno, provoca uma inquietude ao propor uma mudança no sentido de identidade do eu. Ver mais em: Berenstein (2004). El sujeto como outro entre (inter) otros. In: *El Otro en la Trama Intersubjetiva*. Buenos Aires: APA Editorial, p.76.

²¹ Favier, D.^a In: *La Pareja y Sus Anundamientos*, livro organizado por Janine Puget

²² pertença ou pertinência.

²³ Ver mais em: *Referentes Teóricos e Clínicos em Psicanálise de Casal* de Hector Alberto Krakov.

Nesses casos, não se utiliza, unicamente, o método do deciframento do sonho. O que importa aqui não é o conteúdo em si, mas a serviço do que aparece no material da sessão naquele momento o sonho. Os assinalamentos e interpretações apontam para a insistência em sustentar uma perspectiva narcisista por parte de um dos membros do casal. O sonho, pode expressar a negativa inconsciente de considerar-se sujeito do vínculo, parte de um campo vincular. O vínculo implicará em alojar o outro com sua condição incognoscível, dentro de si mesmo, gerando outro sentido, produto da interação e modificando a ambos.

Sonhos: Negação da Alteridade - Resistência ao Vincular

O sonho na sessão vincular, para Puget (2003) tem a ver com a *resistência ao vincular*, ao diferente que se apresenta e não poderá jamais ser apreendido e que, por isso, constitui-se como algo produtor de subjetividade. E reafirma que o que produz subjetividade é a diferença. Aquilo que não posso conhecer do outro e que provoca mal-estar, curiosidade, pensamento e criatividade.

No artigo: *Sonho Singular e Sonho Vincular* (2003), Puget traz contribuições que revolucionam a maneira habitual de compreender e trabalhar os sonhos dentro do dispositivo vincular. Questiona as teorias que freqüentemente atribuem ao sonhador a representação do vínculo e a autoria do sonho, como se este recebesse as projeções dos demais membros do grupo como um *bode expiatório*²⁴ do grupo. Na psicanálise clássica os sonhos se constituem em via de acesso ao inconsciente, se tratando de representações que podem adquirir significado a partir das interpretações na análise.

Janine Puget (2003) acrescenta que uma parte dos sonhos pode ser vista como acontecimento – algo da ordem da apresentação que, por se tratar de imagem pura, não pode ser traduzido em palavras. Seriam aspectos dos sonhos relacionados com registros pictográficos descritos por P. Aulagnier (1985) e que por não terem registro simbólico, não pertenceriam à ordem representacional. Um contraste entre o que é representação (imagem figurada) e acontecimento (apresentação). Estes aspectos, insatisfeitos como: traumas, insa rechaços, segredos, desaparecimentos, etc., na medida em que introduzem uma ruptura entre o sonho e a vida diurna, produzem uma nova repressão que iria em sentido inverso ao que se costuma descrever, outorgando ao pictograma existente, um status diferente. O sonho, segundo a autora, seria produtor de inconsciente. É uma versão do que já está mas que não temos acesso pela palavra. Para o sonhador o sonho contado, por sua qualidade pictográfica, deixa sempre algo que falta, algo esquecido, algo que se perde no momento em que se acorda e o sonho já não está. A repressão está em atividade e um novo inconsciente se cria.

²⁴ O “bode expiatório” aparece no ritual descrito no Livro Terceiro de Moisés, nele consta: “no dia do perdão escolhia-se ao acaso um bode vivo, sobre cuja cabeça o sacerdote confessava as iniquidades, os pecados e culpas da comunidade. Elas eram transferidas dessa forma ao animal, que depois era conduzido ao deserto onde era abandonado para que se perdesse, assim o povo sentia-se livre da culpa.” In: Berenstein (1988), *Família e Doença Mental*, p.96.

Sonho de um paciente contado para uma analista vincular

O material onírico é apontado por um paciente em cuja família o pai, a seu tempo, abusou de cada um de seus quatro filhos. Nas sessões que antecederam o sonho falava da falta de dinheiro e que não poderia seguir ajudando o tratamento do irmão alcoolista e do seu medo com a redução de sessões. Falávamos da proximidade das férias da chefia do setor onde ele trabalha, a pessoa que substituiria a chefia, sua dificuldade com autoridade, sensação de submissão e das férias de julho do paciente, férias de análise. No final de semana havia bebido em excesso coisa que não acontecia à muito tempo, anos. Medo de se atrapalhar, de perder o controle. Contou nesta sessão que o que o assustou foi lembrar da época em que era alcoolista. Neste momento lembrou de uma cena: *Eu tinha terminado as provas da faculdade. Foi no ano que meu filho nasceu...foi terrível (havia contado que neste período começou com angústias intensas e pela primeira vez passou a lembrar e falar do abuso no tratamento), eu tava um monte de anos sem beber. Em primeiro lugar quebrei isso e outro que eu bebi na rua. Não me lembro porque eu não fui trabalhar naquele dia, deve ter sido feriado no meu trabalho, fui só na aula, fiz uma prova e depois que saí não fui para casa. Decidi almoçar no centro. Na ida o carro estragou e tive que chamar o guincho. Enquanto eu esperava eles levarem o carro já tomei umas num bar em frente. Depois fui no shopping que ficava perto e tomei mais uma cerveja. Ai, não parei mais. Fiquei nos jogos eletrônicos e depois fui para um “buteco” e quando saí já era noite. Minha mulher ligou durante a tarde várias vezes eu falei com ela e depois desliguei o celular e seguí bebendo. Antes de chegar em casa parei em outro bar e, a partir daí, aqueles apagamentos. Parece tudo um sonho. Dali eu fui nuns inferninhos que tem pelo centro. Não me lembro onde eu andei e nem como cheguei em casa. No outro dia me contaram que eu cheguei de táxi. Mas eu lembro de estar numa lotação.*

Paciente - Tive um sonho horrível de sexta para sábado. (pausa) Uma sensação muito forte (pausa) não consigo identificar se eu tive a sensação forte e o físico me fez sonhar. No sonho era...me lembro de uma cena...tinha uma escada...dava numa porta, mas era só um portal não tinha porta. A sensação que eu tenho é que eu vinha descendo aquela escada atrás de alguém. Quando chego para passar essa porta, no outro lado é o “encardido”, o diabo, sei lá o quê, coisa ruim. A impressão que eu tenho é que eu ia descendo atrás dele e ele fugia de mim. Ele entrou por essa porta e no último degrau dessa escada eu parei. Lá dentro ele me olhou e disse que eu não entrasse. Tipo: “Se tu entrar vai te arrepender, aqui tu não entra!” E eu disse: “Que não vou entrar o quê!” Aí entrei e a sensação foi muito horrível, eu não sei explicar a sensação. A melhor forma talvez seja... sabe esses efeitos de uma cortina bem fininha e gelada de água? É isso que se passou por dentro de mim. Eu sentia isso atravessando o meu corpo, me arrepiou todo. No que passei senti o frio, um formigamento nos pés que foi até a cintura. E as pernas começaram a dobrar. Comecei a me abaixar, perdi as forças nas pernas. Quando senti aquilo ali eu tinha medo e me arrependi de ter entrado ali. Aí eu pensei: não adianta eu me arrepender agora. Eu tenho que reagir. Eu fazia força para mexer as pernas. Com muito esforço consegui mexer uma perna e endireitar um pouco. E nisso eu me acordei. Acordei e seguí sentindo

calafrios e a dormência nas pernas, me acordei assustado com aquilo. Levantei, fui no banheiro, deitei novamente, fiquei um bom tempo pensando no sonho e na sensação muito forte que tive. (pausa)

Analista – O que te ocorreu? (em mim ocorreu que o paciente estaria tentando contar a história do abuso sexual sofrido na infância e que mencionou no início do tratamento ao que nunca mais retornou a falar dizendo não conseguir lembrar de como aconteceu e ter dificuldades de falar nisso.)

Paciente – Comentei com a minha mulher do que conversei contigo na semana passada e fiz uma relação com o que eu disse, a vontade de parar um pouco de desafiar o “encardido” diariamente, como fiz a minha vida toda. E no sonho tinha muito disso. Eu enfrentar e sofrer com isso. Só que está diferente pra mim. Depois do sonho fiquei pensando: Porque eu tinha que passar aquela porta? Se eu não tivesse passado não tinha acontecido nada. Talvez tenha um contexto no sonho, mas eu não me lembro.

Analista – (Eu pensava em Freud (1900), na escada²⁵ e seu simbolismo sexual, na porta que não devia ter sido atravessada, como uma zona de seu corpo penetrada, que não existe a negativa no inconsciente ou que no sonho pode aparecer pelo oposto, e a sensação de paralisia representada por um conflito de vontade²⁶ Alguém descendo e ele correndo atrás, a culpa que sente a criança abusada pelo medo de ter participado por vontade própria da cena. Pensava na palavra “encardido” e sua relação com sujeira e conteúdo anal e como representante do Outro. Toda conotação sexual das pernas se dobrando, ele perdendo as forças. Eu não podia me meter no sonho dele de forma abusiva mas pretendia ajudá-lo a historicizar seu passado. Esperei mais um pouco e como não falou mais nada perguntei pela escada). Escada te faz lembrar algo?

Paciente – Não me ocorre nada. Ela era diferente...mas na mesma posição da de casa. A cena que lembro é bem no final da escada. Eu enfrentei algo de ruim sem necessidade. Eu tenho questionado esses enfrentamentos. Uma relação mais evidente com o meu trabalho. Lá está cheio de “coisa ruim”. Eu batia de frente. Começou a mudar com o tratamento. Eu tinha muita dificuldade de lidar com hierarquia, autoridade. Eu vivia de encrenca no trabalho, questões de injustiça - sabe - isso mexia muito comigo.

Analista – (Eu sabia que ele se referia ao tratamento anterior que durou quatro anos e que finalizou com a mudança de residência da analista. Quando ele dizia que a escada era na mesma posição da de casa eu não sabia a que residência se referia Acabei fazendo outra pergunta pela minha ansiedade diante do material do sonho). Umbral?

Paciente – Termo espírita que designa lugar mais próximo da terra, nossa dimensão, onde ficam os espíritos que desencarnaram e não conseguem viver a vida. Ficam ligados a um tipo de paixão ou dinheiro. Quando esses espíritos se propõem a melhorarem são auxiliados. O umbral é uma terra de ninguém onde ficam os revoltados. Portal é uma abertura sem porta. No sonho era o que dividia

²⁵ Freud (1900) p.93.

²⁶ No mesmo texto Freud refere: “Em outros sonhos em que a impossibilidade de realizar o movimento não aparece tão somente como situação, mas também como sensação de paralisia, porém mais energicamente, como uma vontade que se opõe a vontade contrária. Assim, pois, a sensação de paralisia represente um *conflito de vontade*”p. 63.

Analista – O fato de eu ter me enganado e dizer umbral no lugar de Portal faz algum sentido para ti?

Paciente – Faz. A definição mais curta de umbral é lugar de sofrimento, ou de onde ficam os espíritos sofredores. Então tem tudo a ver. Faz muito sentido isso. Agora que conquistei a casa, o carro, que estou bem no trabalho e com a S. e que não quero mais sair daqui e me mudar para o interior e começar tudo de novo, que eu poderia aproveitar um pouco mais e viver mais folgado.

Analista – Voltar a te tratar pode remexer tudo.

Paciente – É. Mas por outro lado eu sei que preciso. Depois do portal ficou um excesso. Ali deu. O que tinha de ruim eu tinha enxotado para além do portal. Era só voltar e subir a escada. Aquilo me desafiou. Tipo: “Aqui tu não entra!”, “Se tu entrar tu vai ver!” Aí, no sonho eu entrei. E depois que eu entrei eu sentia aquilo tudo. Aquilo foi tão forte que eu fiquei com medo e tive que reagir, só que não mais para enfrentar o desafio, mas para poder sobreviver.

Analista – Quando tu sentiu medo?

Paciente – Foi quando eu comecei a sentir aquilo nas pernas e não conseguia me movimentar. E aquilo foi me paralisando, dobrando o meu joelho e eu sentia que ia cair

Analista – E na vida, quando tu sentiu medo?

Paciente – Bá...já senti várias vezes.

Analista – O que te veio primeiro?

Paciente – O enfrentamento com o meu pai. Ele foi a maior “coisa ruim” que eu enfrentei. Sei que tem aquela coisa cultural de que homem não sente medo. Coisa lá da fronteira.

Analista – (Eu pensava nos conteúdos homossexuais, no abuso, não sabia como formular minha colocação. Me sentia paralisada.) Disse: No sonho aparece pela primeira vez, de forma mais clara sensações de momentos difíceis da tua história infantil.

Paciente – Acho que tem a ver com a sexualidade mesmo. Aquilo me paralisou da cintura pra baixo. Interessante Foi muito bom falar sobre o sonho. Eu fiquei com uma sensação muito ruim. Me aliviou um pouco. (pausa)

Pensei muito no final da nossa conversa (pausa) na minha história de vida e quando eu era criança. Tipo...aquilo ali criou uma nova possibilidade (silêncio).Aquele dia eu te falei que eu não tenho uma lembrança concreta. É que nem no sonho...uma coisa meio...é muito mais uma sensação. Isso é uma coisa que eu penso faz tempo. Eu sempre pensei muito. De como eu ia falar sobre isso se eu não lembro disso...Talvez tivesse muito medo do que eu poderia lembrar. (silêncio). Dá medo né!

Analista –Medo?

Paciente – Me dá medo de pensar o que eu possa ter bloqueado. Tem a história da minha irmã. Eu era grande, eu tinha uns treze anos. Não me lembro se eu falei isso pra ti. Eu tinha uns treze a C. uns quinze anos – eu acho (pausa). E eu flagrei os dois na cama ela e o pai (silêncio). A coisa foi tão louca que eu fiquei bem confuso. Eu não acreditava no que eu tinha visto. Eu me lembro que naquela noite...depois...hoje eu lembro bem direitinho disso...de eu começar a dizer pra mim mesmo que não era verdade, negar o que eu tinha visto. Eu me lembro de ficar pensando, de eu ficar imaginando que não era verdade. Foi um troço muito rápido e no outro dia eu já tinha resolvido isso. Eu simplesmente não lembrava.

E não lembrava e não lembrei até agora, mais ou menos uns trinta anos. Só depois que eu lembrei disso é que eu consegui lembrar do que tinha acontecido comigo (silêncio). Queria que a sessão terminasse agora. Dá medo do que eu possa ter guardado.

Analista – (Pensava na desmentida, uma defesa típica das estruturas perversas e no sofrimento do paciente) Qualquer coisa que tu tenhas guardado, não te causará mais mal do que já causou.

Relendo essa sessão dou-me conta do quanto a fala do paciente despertou ansiedades provocando uma interpretação tranquilizadora. Aqui me faltou uma capacidade negativa de conter as angústias decorrentes do meu não saber como interpretar naquele momento e pelo tipo de material em si. Cada vez que o paciente silenciava um pouco mais eu introduzia uma pergunta que além de estimular associações, tapava um vazio. Me pergunto: se eu tivesse esperado um pouco mais o paciente, por conta própria, não seguiria associando? Minha participação na compreensão do significado do sonho deu um outro sentido ao sonhado e este material deixou de ser algo só dele e sim nosso?

No momento que se produz um sonho, uma série de elementos heterogêneos é desencadeada no psiquismo. Neste sonho, a perna deve ter ficado efetivamente dormente e um resto diurno de sessões se juntou a um desejo infantil inconsciente que tentava se representar.

A partir desse sonho muitos fragmentos da história começaram a ser contados. O importante não foi apenas a interpretação do sonho, mas o que ele suscitou nas sessões seguintes e o fato de ter sido sonhado neste momento da análise. O surgimento desse sonho retrata o momento atual do tratamento, a ressonância dos assinalamentos interpretativos e sua realidade psíquica. Tomei o sonho como uma forma de comunicação inconsciente e além do deciframento de elementos do sonho o escutei como um “todo” num determinado contexto, levando em conta conteúdos reprimidos no passado e algo a ser construído pela participação conjunta do par analítico. Penso que além do incentivo à associação de idéias nossa escuta deveria possibilitar a abertura para o aparecimento de algo novo a partir da intersubjetividade. A troca da palavra “portal” por “umbral” demonstra que o sonho deste paciente teve um efeito sobre mim. A partir desse elemento “novo” que se introduz, se percebe que o sonho contado na sessão se dirige a uma pessoa que também associa em cima do sonho como acontece num sonho contado num grupo. Evidentemente as associações e interpretações seriam outras de acordo com o grupo e o contexto do grupo. Se o paciente iniciou uma ação comunicativa o meu compromisso ia além de diferenciar o material de um e de outro, mas pensar no material que vem do vínculo. Não assinalei “umbral” como uma confissão contratransferencial, que seria uma imposição que impediria o trabalho vincular. Apenas dei lugar na situação analítica a esse material que emergiu do “entre dois”.

Os restos diurnos também se constituíram do trabalho analítico desenvolvido nas sessões recentes e de véspera. Procuo trabalhar como no “jogo do rabisco”²⁷ onde cada um contribuía com um significado. Eu rabiscava, dizia algo curto e o paciente complementava

²⁷ Uma técnica útil que foi denominada por Winnicott (1964) de “Jogo do Rabisco”, que é um método para estabelecer uma comunicação com um paciente. É um jogo espontâneo entre duas pessoas. O analista faz um pequeno rabisco e espera para ver o que o paciente consegue fazer com ele. Winnicott (1968) Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007, p.232.

com imagens visuais e sensações, que se constituíram em uma linguagem verbal. A partir daí estamos resgatando antigas representações e as emoções que deram origem ao sonho e que estavam presentificadas como sensações e que não se articulavam com a lógica formal, mas com a lógica do inconsciente.

Todo material trás conteúdos oriundos dos três espaços psíquicos: mundo interno, mundo vincular e mundo sócio-cultural, permanentemente presente. Uma de nossas tarefas como analistas é a de distinguir e diferenciar os significados correspondentes de cada um desses mundos. A distinção pode ser clara ou confusa, dependendo do momento. O vínculo fala através do sonho contado na sessão e, por isso, não deve receber uma interpretação como se fosse apenas algo individual ou intrapsíquico.

O paciente passou a lembrar de vários momentos da vida dele após este sonho, situações sempre ligadas a álcool e sexualidade. Seu pai era alcoolista. “Eu e o meu irmão fomos uma vez num cabaré. A gente chegou e queria conhecer o lugar. A gente não conhecia. Na entrada tinha um porteiro. Aí, o cara nos barrou e disse que a gente tinha que pagar uma entrada. Sei eu lá quanto!” O paciente retorna das férias. Na sessão seguinte falta e me liga de tarde não respondeu prontamente por estar trabalhando, não percebi os recados no celular. Retornei a ligação bem mais tarde. Ele solicita uma sessão. Marcamos para o dia seguinte de manhã. Segue o relato da sessão:

Paciente - Tava louco pra vim pra cá (silêncio - esfrega o rosto). Ontem eu queria sumir (pausa). Eu enlouqueci de novo (silêncio). Minha cabeça tá uma confusão (silêncio – suspira). Ontem eu pensei até em me internar. Eu devia ter falado contigo ontem. É que eu acabei acordando tarde, estava muito atordoado ainda e também não estava racionalizando nada. Quero ver se consigo me abrir aqui para que tu possas me ajudar. Eu não consigo. To tentando entender porque? (silêncio)

Analista - Isso vai ser aos poucos (imaginava que ele havia bebido e que novamente havia se conectado com situações traumáticas da infância).

Paciente - Ontem eu saí do trabalho e fui com meus colegas num bar jogar sinuca e tomar cerveja. Cada vez que eu penso nisso eu não entendo se tava tudo bem comigo. Como se eu não pudesse estar bem. Aí, bebi um monte. Saí de lá bêbado. Fui levar um cara em casa e arrebentei a roda do carro num cordão da calçada. Quase mato eu e o cara. Aí troquei a roda, levei o cara e voltei. Não lembro o trajeto do bar até a batida e da zona sul até a zona norte. Só me lembro de estar na Farrapos, ali numa dessas travessas com um travesti dentro do carro. Aí me lembro de chegar num posto e comprar mais bebida e depois já me lembro de estar com outro travesti e depois só me lembro de estar chegando perto de casa e de estar correndo muito e de quase bater numa placa de sinalização.(silêncio)

Analista (pensava em como tudo havia começado, amigos saíram para jogar. Depois o excesso de álcool, o pai embriagado da infância, abuso. Minha fantasia era que tudo começava como uma brincadeira).

Paciente – Me sinto muito sozinho e não sei porque isso acontece comigo.

Analista - Talvez tu te sintas como quando era pequeno e não entendia bem o que acontecia na tua família.

Paciente – Era parecido mesmo. Na época da internação foi horrível também (o paciente se referia a uma internação para desintoxicação anos atrás). É difícil falar.

Analista - Talvez o que tenha acontecido seja uma forma de comunicar algo que tu não lembra e a gente tenha que entender como num sonho.

Paciente (silêncio)

Analista - Todo começou de brincadeira -tinha um jogo -depois o abuso – abuso de álcool – risco de vida - dois homens numa cena sexual. Faz sentido para ti?

Paciente - Faz.

Algumas sessões depois chega dizendo estar desanimado. Havia levado novamente o carro para consertar. Digo que o acontecido o remete para a noite em que o carro foi danificado.

Paciente – É.

Analista – E esse sentimento não é parecido com o que tu sentias após alguns acontecimentos infantis violentos?

Paciente - É muito parecido. É uma sensação de desesperança. Aquela coisa. Por mais que eu me esforce, que eu consiga conquistar um monte de coisa...

Analista – O fantasma está ali.

Paciente – Não consigo pensar mais conscientemente...adquiri muita coisa mas tenho a sensação de que de uma hora para a outra, mais cedo ou mais tarde, vai acontecer uma coisa ruim.

Analista - Outro dia tu me disse: “em casa de pobre alegria dura pouco”.(As situações abusivas se repetiam.)

Paciente – Passei a minha vida toda brigando com isso como no sonho. Agora eu consigo falar contigo não é muito agradável mais é diferente. Passei a vida mantendo esse lado sombrio, essa coisa mais doente que é claramente a minha história do abuso.

Analista – Passar ou não pela porta, desafiar o “encardido”, desaparecer ou perder o pai. Uma criança pequena fica sem escolha em momentos assim. Medo de ter participado aceitando o desafio.

Paciente – Eu concordo com isso com a questão da minha cumplicidade. É algo que não consigo sentir com muita clareza. Eu até já pensei nisso. Pela lógica deve ter algo nesse sentido. Sei lá, algo que não me permito sentir mais conscientemente, de me sentir culpado por ter desejado isso. Quando começo a pensar nisso eu me desligo. Como se estivesse pensando na história de outra pessoa. O sentimento ambíguo de repulsa e desejo ao mesmo tempo. Mas é difícil eu manter a conexão comigo mesmo. Voltando a figura do portal, eu passei a minha vida toda me esforçando para manter as coisas lá. Nesse sonho o que fiz foi mexer nisso. Como um acordo entre uma parte consciente e outra inconsciente.

Analista - Me vinha na cabeça uma cena de uma criança assustada num quarto escuro digo isso a ele.

Paciente. (risos) E eu de claridade, de luz, de querer saber o que é. Não sei porque me lembra muito água. Eu adoro água sabe. Tenho muito medo quando é uma água suja, um lugar que eu não conheço, não estar vendo o fundo sabe? Tenho muito medo de ser puxado pra baixo. Se eu tô numa água e não enxergo o fundo eu fico na superfície.

Analista – Eu pensava na cortina de água do sonho. Na dificuldade de falar destes conteúdos e do medo dele de se aprofundar, se afundar no tratamento e ser puxado para baixo, se desorganizar, deprimir, sucumbir.

Paciente - Acho que tem tudo a ver com aquele sonho isso que eu tô passando. Acho que eu passei aquele portal no momento que eu provoquei essa crise e que eu trouxe para cá isso. O sentimento é bem como no sonho. Ter mexido isso e não ter mais como voltar. E ter que sobreviver a isso sabe? No sonho me dá um cansaço muito grande. Essa coisa de saber o que tem no fundo... a água barrenta...o medo do que pode ter embaixo e a certeza de que tem algo em baixo. E ter que continuar nadando pra não afundar naquilo. E a sensação de que todo esforço para manter essa porta fechada, e brigar com essa coisa ruim...Muito esforço sabe...me dá um desânimo de pensar em tudo que eu me esforcei e o esforço maior ainda que está por vir, que vai ser agora.

Referencias Bibliográficas

ANZIEU, Didier e Cols. *Las Envolturas Psíquicas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BERENSTEIN, I. e Cols. *Psicoanalizar Una Família*. Buenos Aires: Paidós, 1987.

BERENSTEIN, I. e PUGET, J. *Lo Vincular Clínica Y Técnica Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 1987.

BERENSTEIN, I. *Família e Doença Mental*. São Paulo: Escuta, 1988.

BERENSTEIN, I. e Cols. *Família e Inconsciente*. Buenos Aires: Paidós, 1991.

BERENSTEIN I. e Cols. *Clínica Familiar Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2000.

BERENSTEIN, I. El Sujeto como outro entre (inter) otros. In: FIORINI, L. G. (org.). *El Otro en la Trama Intersubjetiva*. Buenos Aires: APA Editorial, 2004. p.75 -97.

FAVIER, Daniel Asiner. A certa de Cratos: el poder y la violència en los vínculos In: PUGET, J. (org.). *La Pareja y Sus Anundamientos: erotismo-pasión-poder-trauma*. Buenos Aires, Paidós, 2001, p. 113 - 133.

FREUD, S. (1900) *Obras Completas*. Vol.II e III. Rio de Janeiro: Delta S.A.,1953.

KRAKOW, Héctor Alberto. Referentes Teóricos e Clínicos em Psicoanálisis de Casal. *Revista Psicoanálisis AP de BA*, Vol XXVI, n. 3, 2004.

MISSENARD, André. La envoltura Del sueno y el fantasma de la “psique común” In: Anzieu, D. et. al. Buenos *Las Envolturas Psíquicas*. Aires: Amorrortu, 1987, p.68 - 101.

PIVA, Ângela e Cols. *Transmissão Transgeracional e a Clínica Vincular*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

POLETTI, Guilherme Viana. *As faces de uma carta reveladora – fim ou começo?* Trabalho apresentado no Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, por ocasião da Jornada dos Estagiários de Psicologia Clínica. 2006.

SEVERO, Ariane. Sobre o Sujeito na Herança Transgeracional. Identificação: A Via Régia da Transmissão Psíquica. In: Piva, A. (org.). *Transmissão Transgeracional e a Clínica Vincular*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p.123-142.

SPINACOW, Miguel Alejo. La intervención Vincular en el Tratamiento Psicoanalítico de Parejas. In: Vínculo y Subjetividad en la era Contemporânea. *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*. Buenos Aires, outubro, 2005.

ZIMMERMANN, David. *Psicoterapia Analítica de Grupo*. SãoPaulo: Mestre Jou, 1987.

ZIMMERMAN, David E. *Manual de Técnica Psicanalítica Uma re-visão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

WINNICOTT, D. (1964). O Jogo do Rabisco. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

Endereço para correspondência: arian@portoweb.com.br